

O método comparativo em música – Algumas reflexões entre a Etnomusicologia e a Educação Musical

Anna Henrike Eymess

In Práticas Textuais 17 | 18

ISBN 978-989-20-8480-0

Como citar

Eymess, A. H. (2018). O método comparativo em música – Algumas reflexões entre a Etnomusicologia e a Educação Musical. In N. Jorge, A. Coutinho, M. Fidalgo, R. Rosa (Eds.), *Práticas Textuais 17 | 18* (pp. 71-80). Lisboa: NOVA FCSH-CLUNL.

<https://run.unl.pt/handle/10362/42697>

O MÉTODO COMPARATIVO EM MÚSICA – ALGUMAS REFLEXÕES ENTRE A ETNOMUSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO MUSICAL

Anna Henrike Eymess

É licenciada em Antropologia Cultural e Ciências Regionais da América Latina pela Universidade Livre de Berlim. Possui formação técnica em Música (instrumento violão) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Tem experiência profissional na atuação musical e no ensino da música. Atualmente, encontra-se a concluir o Mestrado em Musicologia Cultural pela Universidade de Göttingen, no âmbito do qual passou um semestre de Erasmus+ na Universidade NOVA de Lisboa. E-mail:

annahenrike.eymess@stud.uni-goettingen.de

Abstract

This paper aims to present some reflections on the comparative method in the contemporary study of music. Moreover, it proposes a summary of a case study on a Brazilian dramatic choir, assuming it as a starting point to ponder the method's potentials for interdisciplinary approaches between (Ethno)musicology and Music Education. Recognising the inevitability of comparison, it concludes that the method can contribute to the reconfiguration of Musicology, enhance interdisciplinary works, and provide more significant knowledge for communities outside of academia.

Keywords

Comparative method
Interdisciplinarity
Ethnomusicology
Music Education

1. Introdução

O tema do presente ensaio é o método comparativo em música. A partir de um ponto de vista interdisciplinar entre a

Etnomusicologia e a Educação Musical, propõe-se uma reflexão em torno dos potenciais e limites deste método analítico na interface das disciplinas assinaladas na contemporaneidade.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, faz-se referência a três textos de problematização teórica do assunto em questão: por um lado, Nettl (2010), que apresenta uma contextualização histórica do método na disciplina da Etnomusicologia desde as suas origens; por outro lado, Clayton (2012), que é apontado pelo primeiro como referência de reflexão na literatura mais atual¹, e Tomlinson (2012). Clayton argumenta, à semelhança de Nettl, com base num ponto de vista etnomusicológico, enquanto Tomlinson assume uma perspetiva mais interdisciplinar. Como elemento adicional a estes textos predominantemente teóricos, recorre-se a um estudo de caso feito por Eymess (2016), com a finalidade de, a partir desta investigação, refletir sobre a aplicação do método comparativo na interface disciplinar da Etnomusicologia e Educação Musical, além de, de forma mais concreta, pensar num possível aprofundamento do estudo de caso através do método comparativo.

O plano do presente trabalho segue a seguinte estrutura: num primeiro momento, os textos de conteúdo teórico são sintetizados; a seguir, o estudo de caso será brevemente apresentado. Para finalizar, apresenta-se uma reflexão sobre as potencialidades da aplicação do método em questão no estudo contemporâneo da música, a partir dos argumentos principais dos textos teóricos, visando, sobretudo, mostrar as mais-valias do método no que se refere à sua aplicação na interface interdisciplinar assinalada.

2. O método comparativo na Etnomusicologia

Bruno Nettl (2010), no seu ensaio “Revisiting Comparison, Comparative Study, and Comparative Musicology”², apresenta, além de uma breve história do método em questão na Etnomusicologia e de um panorama sobre as publicações mais recentes (incluindo Clayton), uma perspetiva pessoal sobre o assunto. Esta publicação servirá como ponto de partida para o presente trabalho.

No âmbito da Musicologia, o método de comparação nasce dentro da disciplina, cujo nome, na época, já fazia referência ao mesmo: *Musicologia Comparada*. Como um documento

1. Nettl, porém, refere-se à contribuição de Martin Clayton da primeira edição do livro intitulado *The Cultural Study of Music* (Clayton, 2003).

2. Para garantir uma leitura fluente, a terminologia inerente à área da Etnomusicologia e as citações diretas são traduzidas do inglês para o português. Em alguns casos (como, por exemplo, expressões muito marcantes ou termos muito particulares), o original em inglês é agregado e apresentado entre parênteses. Os títulos dos textos e demais referências bibliográficas a textos-fonte, porém, são mantidos no original.

fundamental deste processo, Nettl refere-se à publicação de Guido Adler, em 1885, como marco histórico deste desenvolvimento: é com este último autor que nasce a Musicologia Comparada como subárea da Musicologia Sistemática. A partir deste primeiro uso do termo, desenvolve-se a aplicação do método, porém, pouco debatida em termos de reflexão ou sistematização metodológica, como marco identitário da disciplina, até ser renomeada por Jaap Kunst, em 1950, por *Ethno-musicologia* (*Ethno-musicology*). Enquanto noutras disciplinas – como, por exemplo, na Linguística ou na Anatomia Comparativa –, a questão do método assumia um papel central, refletindo-se no rigor metodológico e na procura de maior consenso intradisciplinar a este nível, na área da Etnomusicologia, pelo contrário, esta problemática não se colocava.

Nettl ainda apresenta um panorama das críticas que o método sofreu e as razões pelas quais este fora abandonado depois de 1950. Neste contexto, o autor refere, entre outras, a crítica de Mantle Hood, que alegou o risco de uma comparação precipitada, bem como a dificuldade de aplicar o método diante a complexidade de dois elementos fundamentais no objeto de estudo da música: o som e o significado. Nettl ainda agrega uma contextualização histórica mais ampla, abordando problemas políticos globais, depois do término da Segunda Guerra Mundial – que levantou a questão, mais do que nunca, se a aplicação do método comparativo teria implicações políticas.

O autor acaba por propor a sua avaliação do papel do método comparativo na história: apesar de isso não ser amplamente reconhecido, estudiosos da Musicologia Histórica teriam sempre realizado estudos comparativos, além de todo o discurso da música erudita ser profundamente permeado pelo conceito da *comparação* (cf. *rankings* etc.). Além disso, Nettl reconhece as três maiores dificuldades da aplicação do método comparativo na Etnomusicologia, razões pelas quais o assunto teria gerado muita discórdia dentro da disciplina: reconhecer que o estudo comparativo é difícil, evitar conclusões injustificadas e ter consciência dos contextos em que a música é inserida. Com exceção dessa problemática substancial, o restante da discórdia teria sido, segundo Nettl, somente um debate terminológico.

Martin Clayton, no ensaio “Comparing Music, Comparing Musicology” (2012), apresenta dois pontos principais na sua argumentação, advogando um retorno à utilização do método

comparativo no estudo contemporâneo da música. Primeiro, segundo o autor, a comparação seria inevitável. Em segundo lugar, Clayton admite que é problemática. O maior problema seria o de correr o risco de confundir conceitos – o que teria ocorrido muito ao longo da história da disciplina – como, por exemplo, *discurso* com *experiência*. De um modo geral, Clayton cumpre o objetivo de fazer algumas observações sobre o passado, o presente e o futuro da comparação em Musicologia (objetivo ao qual se propõe na introdução do seu ensaio), do seguinte modo: introduz logo no começo a argumentação a favor do método comparativo e apresenta a metodologia, que é apoiada por exemplos de natureza autobiográfica, apresentados na primeira parte do texto. O autor narra a sua experiência pessoal num concerto de Björk, problematizando as dificuldades de a relatar e comentando a sua tese de doutoramento sobre música indiana. Numa segunda parte, Clayton discorre sobre a importância do conceito de *discurso* no âmbito da comparação em música. Para terminar, o autor aborda o desenvolvimento histórico da comparação e acaba por sintetizar os argumentos a favor do método comparativo na conclusão, mencionando também o potencial da aproximação das diversas subdisciplinas da Musicologia.

Gary Tomlinson, no ensaio “Musicology, Anthropology, History” (2012), conta a história das disciplinas académicas da Antropologia e História, destacando sobretudo, entre as diversas semelhanças e diferenças desenvolvidas ao longo da história, as distinções metodológicas. Assim, a Antropologia (ou Etnografia) teria como principal objeto a oralidade, enquanto a História (ou Historiografia) iria concentrar-se na análise de documentos escritos.

Depois de confrontar a história destas duas disciplinas, Tomlinson introduz a disciplina da Musicologia. O autor denomina a relação da Musicologia com estas disciplinas como complexa – relação que, acima de tudo, era determinada por questões ideológicas na Europa daquela época, que separava a realidade europeia das outras partes do mundo. Neste contexto, Tomlinson faz referência ao momento fundacional da Musicologia em 1885 e, a seguir, aborda o elemento que considera central na sociedade europeia no século XVIII: a canção – elemento que fora, porém, ignorado no momento fundacional da disciplina. Nesse sentido, Tomlinson argumenta que a canção, na sua posição como elemento constitutivo da sociedade, teria tido o potencial de unificar ao invés

de separar o mundo europeu do não-europeu, fazendo disto uma crítica ao rumo que as disciplinas da Musicologia desde então tomaram.

Tomlinson apresenta ainda diversas abordagens de autores antigos da área da Filosofia e Filosofia da Música (Rousseau, Kant, Herder, Forkel, Marx), sintetizando as suas principais ideias e demonstrando o confronto de perspectivas. No final do ensaio, o autor dedica-se à problematização do método comparativo, a partir da qual formula uma visão futura da Musicologia no âmbito das Ciências Humanas, e introduz o conceito do *neocomparativismo* (*neocomparativism*), método a partir do qual a Musicologia contemporânea deverá guiar-se futuramente, com a finalidade de eliminar diferenças desnecessárias entre a Europa e as outras partes do mundo, para além de problematizar os assuntos musicológicos dentro de uma perspectiva mais ampla.

3. Estudo de caso

Anna Henrike Eymess, no livro *A música do coro/corpo brasileiro. Uma etnografia do espetáculo Abraços* (2016), apresenta um estudo de caso sobre um coral cénico brasileiro. Originalmente apresentado como monografia de conclusão do curso de Antropologia Cultural, o livro mostra uma orientação interdisciplinar: perspectivas da Etnomusicologia (como parte integrada no programa curricular do curso acima referido) e da Educação Musical. Esta perspectiva foi fornecida pelo grupo colaborador do trabalho etnográfico, o *Coral da Universidade Federal do Ceará*, que funciona como atividade de extensão da referida universidade e é associado ao curso de graduação em Música (licenciatura) da mesma.³

O trabalho etnográfico, que poderá, segundo a autora, alternativamente ser denominado como um *retrato* ou *manual* de construção criativa e coletiva de um espetáculo cénico para um grupo coral, visa ter utilidade prática, tanto dentro como fora da academia. Neste sentido, destina-se, entre outros, a regentes de coral e professores de música que queiram implementar um trabalho parecido ou que procurem inspirações neste âmbito para o seu trabalho prático. O livro, num primeiro momento, apresenta o grupo coral ao nível da contextualização histórica, caracteriza-o em termos de constituição de membros e da sua ligação à universidade,

3. Note-se que a *extensão* é uma atividade genuína da universidade brasileira, funcionando paralelamente ao ensino e à pesquisa e constituindo o terceiro pilar da universidade (que, assim, oferece formação não só aos estudantes universitários, mas também aos membros da sociedade); a *licenciatura* na universidade brasileira é uma modalidade específica do curso de graduação, que tem como objetivo a formação de professores para atuação no ensino fundamental e médio.

problematiza a proposta educacional e narra a rotina de funcionamento dos ensaios. Num segundo momento, descreve, por tópicos, vários aspetos musicais e cénicos (por exemplo, *repertório, instrumentos, estética vocal, figurino, desenvolvimento de cenas*) e a construção do espetáculo passo a passo. Na sua proposta etnográfica, o livro propõe retratar o trabalho musical do seu interlocutor da forma mais detalhada possível. A sua abordagem metodológica não inclui a aplicação do método comparativo.

4. O método comparativo na interface da Etnomusicologia e da Educação Musical

A pergunta-chave que deverá guiar as reflexões sobre o método comparativo em música neste primeiro momento, tendo como ponto de partida o estudo de caso acima referido, é a seguinte: *Qual seria o potencial deste trabalho na condição de aplicar o método comparativo?* Como complemento à problematização desta questão mais concreta, segue-se para uma discussão mais abrangente, procurando discutir o potencial do método comparativo nos trabalhos interdisciplinares em Etnomusicologia e Educação Musical.

Começando com a primeira questão: o estudo de caso acima referido (Eymess, 2016) não é comparativo e nem teve como objetivo sê-lo. Procurou, no entanto, ser uma descrição da prática musical estudada *por si própria*, como uma realidade quase que fechada (obviamente, com as devidas contextualizações históricas e teóricas), e, conseqüentemente, a descrição do objeto da investigação *nos seus próprios termos*.

Mas será que esta descrição *nos seus próprios termos* existe? Segundo Martin Clayton, não. O autor ilustra esta argumentação muito bem, através da narração da sua experiência com a tese de doutoramento sobre música indiana. Clayton queria ser o mais “culturalmente neutro” possível e procurou descrever a música estudada “nos seus próprios termos” (“on its own terms”, Clayton, 2012: 89). Depois percebeu que isto não era possível, pois, inevitavelmente, acabou por recorrer a conceitos que eram característicos do seu próprio mundo musical (por exemplo, a organização rítmica da música, cf. *ibd.*). Assim, o autor acabou por concluir que a comparação era inevitável, pois esta recorrência aos

conceitos familiares era imprescindível para chegar à descrição, i.e., ao discurso sobre o objeto de estudo.

Esta argumentação de Clayton parece bastante plausível; conseqüentemente, penso que a mesma exemplificação da inevitabilidade da comparação poderá ser feita também com o estudo de caso de Eymess (2016). Este, inevitavelmente, também faz referências ao sistema de conceitos já estabelecidos da autora (evidentes pela própria sistematização de elementos estruturais do trabalho, como, por exemplo, *estética sonora, arranjos*) e faz pequenas referências comparativas – por exemplo, organização estrutural das músicas por frases ou compassos) –, porém, sem recorrer a uma problematização metodológica. Assim, penso que uma reavaliação a partir de um ponto de vista comparativo iria ser metodologicamente mais consistente e teria ainda o potencial de refletir com mais precisão a realidade estudada. Em vez de se usar as referências intuitivas como base de sistematização, problematizar-se-iam estes conceitos e deixar-se-iam as referências mais claras e explícitas, podendo ressoar, assim, tranquilamente com todo o caráter autorreflexivo da Etnomusicologia. Compartilho, assim, o argumento do autor Martin Clayton da inevitabilidade da comparação como ponto principal do retorno necessário à adoção do método.

Como segundo ponto principal da argumentação a favor da aplicação do método comparativo, opto por eleger o potencial da interdisciplinaridade. O autor Gary Tomlinson apresenta a interdisciplinaridade como argumento principal a favor da comparação, afirmando que, através do neocomparativismo, método que deverá acompanhar a reelaboração da disciplina da Musicologia, providenciar-se-á uma abordagem que possa (re)aproximar as disciplinas de Antropologia e História com a Musicologia, no intuito de poder abordar o que ele intitula de “questões mais amplas” (Tomlinson, 2012: 70). Em relação à interdisciplinaridade, Martin Clayton (2012: 95) alega que o método comparativo teria a potencialidade de reaproximar as subdisciplinas da Musicologia, contribuindo, assim, para a reorganização de todo o campo da Musicologia.

Enquanto Tomlinson argumenta no âmbito de uma interdisciplinaridade da Musicologia com outras Ciências Humanas, Clayton restringe-se ao âmbito das subdisciplinas da Musicologia. Nenhum dos dois autores, contudo, refere uma possível abordagem

interdisciplinar da Musicologia e da Educação Musical através do método comparativo. Parece-me, porém, que esta interface tem um potencial enorme de interdisciplinaridade. O método comparativo poderia, a meu ver, ser a chave para a produção de conhecimentos significativos para as duas comunidades académicas, visando também uma maior aproximação das mesmas e o aumento do potencial de produção de conhecimento significativo – principalmente em relação a manuais para certas práticas musicais (por exemplo, o acima referido coro cénico) e instrumentos.

Através da elaboração deste tipo de material poderá, ainda, alcançar-se outro objetivo de valor mais global para toda a produção académica, principalmente para as Ciências Humanas: a transposição do conhecimento para as comunidades além da academia e o aproveitamento deste pelas mesmas. Enquanto conhecimentos nas Ciências Naturais (por exemplo, estudos sobre a mudança do clima e inovações na medicina) se difundem em maior quantidade para a sociedade, esta difusão ainda acontece pouco nas Ciências Humanas. A produção de conhecimentos que poderão ser utilizados na prática musical e no ensino teriam a potencialidade de estimular esta transgressão de conhecimentos, constituindo a base para um conhecimento que possa ser útil para uma determinada comunidade dentro da sociedade. Se, por um lado, este caminho é ainda árduo, por outro, o aproveitamento académico de conhecimentos oriundos da comunidade – que seria o caminho contrário ao acima referido – já acontece mais e é inerente ao trabalho etnográfico. Tendo em conta esta situação, penso que valerá a pena investir na transgressão dos conhecimentos produzidos dentro do campo da Musicologia. Para alcançar este objetivo, seguindo a linha de argumentação acima apresentada, parece-me que o método comparativo, aplicado na interface interdisciplinar da Musicologia e da Educação Musical, poderá ser a chave.

Uma problemática inerente ao método comparativo na Musicologia é, segundo Nettl (2010: 88), o risco de tirar conclusões precipitadas sobre os fenómenos culturais. Neste contexto, a meu ver, ainda se corre o risco de incluir julgamentos valorativos sobre os fenómenos estudados. Embora esta afirmação possa parecer estranha, em pleno século XXI, este argumento tem profundo enraizamento em toda a história da disciplina: enquanto a

Musicologia Histórica se dedicou, por muito tempo, somente ao estudo da música erudita ocidental, a Etnomusicologia estudava a música do *outro*, sempre com implicações de superioridade por parte da Musicologia Histórica – quadro lamentável, que, em parte, tem continuidade até hoje.

Portanto, penso que uma nova abordagem do método comparativo (no âmbito de uma reelaboração da disciplina, como Clayton e Tomlinson propõem) poderá revelar-se bastante profícua, sem que isso implique necessariamente a emissão de juízos de valor. Quando aplicado deste modo, o método pode promover de forma diferenciada a interdisciplinaridade entre a Etnomusicologia e a Educação Musical, podendo contribuir cada vez mais para a aceitação da diversidade em programas curriculares culturais – assumindo-se que podemos comparar e, através disso, compreender melhor o outro, sem julgar um ou outro lado como melhor.

Por último, gostaria ainda de dedicar um breve comentário à problemática da terminologia assinalada por Nettl. O autor afirma que sempre existiu, antes e depois da renomeação da *Musicologia Comparada* por *Etnomusicologia*, a aplicação do método comparativo, que, porém, não foi ainda suficientemente discutido e cabalmente aprofundado no âmbito da disciplina. Grande parte da discórdia na disciplina era, portanto, segundo Nettl, um assunto de terminologia (cf. 2010: 85-88). Compartilho esta crítica de Nettl e creio que a preocupação com as questões terminológicas é de extrema importância no nosso trabalho acadêmico. Penso, conseqüentemente, que a renomeação do método comparativo, como proposto por Tomlinson (neocomparativismo), poderá ser uma abordagem inovadora que poderá ter o potencial de abandonar antigos receios em relação ao método.

Sugiro ainda, neste mesmo sentido, que poderá valer a pena repensar a renomeação das próprias disciplinas. A Musicologia Histórica já não restringe a pesquisa somente a fenômenos históricos, enquanto a Etnomusicologia também alargou consideravelmente o seu objeto de estudo e as suas metodologias. Tomlinson fala neste contexto sobre a reelaboração da Musicologia no âmbito de uma “Etnomusicologia mais geral” (2012: 69), porém, não faz sugestões de renomeações. Há propostas que visam a renovação do campo da Musicologia acompanhada por renomeação, por exemplo, *Musicologia Cultural* (cf. por exemplo,

Abels, 2016). Esta questão, apesar da renomeação já feita em alguns contextos, continua a ser objeto privilegiado de muito debate e jamais poderá ser a única solução para os mais diversos problemas da Musicologia, mas poderá ser um elemento a compor a inovação.

Concluindo, gostaria de afirmar que há um grande potencial na aplicação do método comparativo no âmbito da reelaboração da Musicologia. Reconhecer a inevitabilidade da comparação será, portanto, o primeiro passo quer para uma aplicação do método mais preciso e produtivo, quer para a consecução de trabalhos interdisciplinares (nas Ciências Humanas, entre as subdisciplinas da Musicologia e com a Educação Musical), quer ainda para aumentar a produtividade de trabalhos de grande valor para comunidades fora da academia e estimular uma troca de conhecimentos mais dinâmica. Para uma maior elaboração da problemática assinalada neste trabalho, será necessário fazer um levantamento mais abrangente de dados bibliográficos em torno das diversas temáticas apontadas: problematização do método comparativo na Musicologia contemporânea, aplicação do método comparativo na Educação Musical, abordagens teórico-metodológicas na interface interdisciplinar entre a Musicologia e a Educação Musical.

Referências bibliográficas

Abels, B. (Ed.) (2016). *Embracing restlessness: Cultural musicology. Göttingen studies in musicology: volume 6*. Hildesheim, Zürich, New York: Georg Olms Verlag.

Clayton, M. (2003). Comparing Music, Comparing Musicology. In M. Clayton, T. Herbert & R. Middleton (Eds.), *The cultural study of music: A critical introduction*. New York: Routledge, pp. 57-86.

Clayton, M. (2012). Comparing Music, Comparing Musicology. In M. Clayton, T. Herbert & R. Middleton (Eds.), *The Cultural Study of Music: A Critical Introduction* (2nd ed.). New York: Routledge, pp. 86-95.

Eymess, A. H. (2016). *Die Musik des brasilianischen Chores/Körpers: Eine Ethnografie des Bühnenstücks Abraços = A música do coro/corpo brasileiro. Uma etnografia do espetáculo Abraços*. Fortaleza, Ceará: Expressão Gráfica e Editora.

Nettl, B. (2010). Revisiting Comparison, Comparative Study, and Comparative Musicology. In *Nettl's elephant: On the history of ethnomusicology*. Urbana: University of Illinois Press, pp. 70-89.

Tomlinson, G. (2012). Musicology, Anthropology, History. In M. Clayton, T. Herbert & R. Middleton (Eds.), *The Cultural Study of Music: A Critical Introduction* (2nd ed.). New York: Routledge, pp. 59-72.

[\[Voltar ao Índice\]](#)